

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOS 25 ANOS DA AIP-A CINEMATECA COM A ASSOCIAÇÃO DE IMAGEM PORTUGUESA
12 de setembro de 2023

O BARÃO / 2011

um filme de Edgar Pêra

Realização: Edgar Pêra / **Argumento:** Edgar Pêra e Luísa Costa Gomes, baseado na novela homónima e no conto *O Involuntário*, de Branquinho da Fonseca / **Direcção de Fotografia:** Luís Branquinho / **Direcção Artística:** Fernando Areal / **Som:** Branko Neskov, Tiago Raposinho, Pedro Góis / **Montagem:** Tiago Antunes / **Interpretação:** Nuno Melo (o Barão), Marcos Barbosa (o Inspector), Marina Albuquerque (a professora), Leonor Keil (Idalina), Vitor Correia (o moleiro), Jorge Prendas (mestre Alçada), Rogério Rosa, Miguel Sermão, Paula Só, etc.

Produção: Cinemate / Produtora: Ana Costa / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado em inglês, 87 minutos / **Estreia em Portugal** (Lisboa): Amoreiras, a 20 de Outubro de 2011.

Com a presença de Luis Branquinho

O Barão é a homenagem de Edgar Pêra à série B, à “poverty row” de Hollywood e à linhagem “gótica” que ela criou e depois teve, na Europa justamente, os seus mais dedicados cultores. Ulmer – o Ulmer de **Black Cat**, por exemplo – mas também, portanto, os italianos (Bava, Freda) e uma pitadinha dos ingleses (os da Hammer), e só uma pitadinha porque estes eram, de modo geral, mais opulentos. Ora opulência em **O Barão** só mesmo a do preto e branco, um claro e escuro que faz e desfaz cenários, que faz e desfaz a maquilhagem de Nuno Melo (o “draculesco” protagonista de **O Barão**, na expressão do filme), que é o elemento transfigurador de todos os outros elementos. Pobreza de meios por pobreza de meios, Pêra encontra-se a trabalhar numa verdadeira “poverty row” (íamos dizer: a “poverty row” de todo o cinema português, mas há excepções) e como os cineastas que nos anos 30 e 40 trabalharam na “poverty row” de Hollywood tudo o que faz faz com restos. Restos de cenários, por exemplo – e segundo parece os cenários de **O Barão** aproveitam sobras de concursos televisivos... Inteiro, só mesmo a luz, o preto e branco, um punhado de actores, uma história; e também uma quantidade não negligenciável de talento descomplexado. Como quem diz: **O Barão** brinca às séries B, brinca mesmo com as séries B (como é evidente pela carga referencial), mas não precisa de fingir, como certos outros exemplos recentes (hollywoodianos, mormente) que gastam milhões a fingir que são pobres. Pelo critério da economia de produção, **O Barão** é de facto série B.

No cinema português não há ninguém verdadeiramente comparável a Edgar Pêra, no percurso ou nos interesses estilísticos e temáticos. Para **O Barão**, arranjos portanto um par inesperado entre os filmes portugueses do mesmo ano: **A Vingança de uma Mulher**, de Rita Azevedo Gomes. Pela razão, afinal muito simples, de que ambos propõe uma redescoberta do *estúdio* e de todo o seu artifício (haveria outras aproximações curiosas a fazer: o monólogo, a estrutura assente numa personagem dominadora que fala e noutra que, mais submissa ou perplexa, ouve). O que Pêra faz com isso, com o estúdio e com o artifício, é central em **O Barão**, e logo desde o princípio: a viagem na charrette, a noite, a aldeia. Podia estar num Bava, de facto. Sabemos imediatamente que é tudo mentira mas estamos, também logo, a acreditar em tudo.

Embora, na verdade, não haja muito em que acreditar. O que é preciso é aceitar. Aceitar que Pêra quer trabalhar a sua personagem "draculesca", encarnação de um mal absoluto – "sou uma besta" – aberta a todas as projecções possíveis e imaginárias. É a abjecção do poder ("quem manda aqui sou eu"), figuração do totalitarismo e de todos os seus avatares. É o "grande ditador" segundo Pêra. Curiosamente aproximável, no método e nos meios, dos filmes de vampiros de Pere Portabella nos anos 70, quando no lugar de Drácula se pretendia que se visse o Generalíssimo Franco. As legendas iniciais ("encontrado no Cineclube do Barreiro"...), situam o filme – e não apenas a "história do filme" – durante a II Guerra, em pleno apogeu dos totalitarismos europeus. Pista de "leitura", mas também simulacro de "objet trouvé", ficção na ficção, piada dentro da piada, mas também elemento dramático que reforça a gravitas de tudo o que será dito e mostrado. E, parece-nos, de maneira perfeitamente conseguida.

Luís Miguel Oliveira